



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

AS ABORDAGENS FEMINISTAS E A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO¹

Sandra Puhl dos Santos²; Enise Barth Teixeira³

¹ Ensaio teórico desenvolvido para a disciplina de Teoria das Organizações do Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Desenvolvimento. Área de concentração: Gestão de Organizações - UNIJUI.

² Aluna do Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Desenvolvimento pela UNIJUI; Bolsista Capes; sandrapuhl@hotmail.com.

³ Professora Doutora do DACEC; do Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Desenvolvimento; coordenadora da área de concentração: Gestão de Organizações e Desenvolvimento pela UNIJUI; enise@unijui.edu.br.

Resumo

A história demonstra que as primeiras conquistas específicas das mulheres, se deram não só por meio da luta pela igualdade legal e contra as restrições dos seus direitos, mas também por meio da luta pela eliminação das barreiras que lhes impediam o desenvolvimento como pessoas. Na sociedade em que o desenvolvimento humano é preterido em função dos interesses econômicos submetidos à cultura patriarcal, concretiza-se uma contradição: homens e mulheres são considerados cidadãos e cidadãs: mas, para viver sua plena cidadania dependerá de sua condição de gênero e de sua classe social. Na situação de desigualdade, as mulheres enfrentam com maior rigor as barreiras culturais, sociais e econômicas. Este ensaio tem por objetivo discutir as contribuições das abordagens feministas para a inserção das mulheres no mercado de trabalho, de forma a demonstrar a crescente transformação do papel feminino na economia, sociedade e liderança nas últimas décadas.

Palavras-chave: relações de gênero; desigualdade; inserção; sociedade.

Introdução

A sociedade contemporânea vivencia um cenário de transformações que afetam diretamente o sistema econômico e social. As mudanças ocorridas nas últimas décadas modificaram a vida das pessoas e organizações e estabeleceram uma nova forma de relacionamento entre os seres humanos. Dentre as muitas mudanças que influenciaram diretamente o ambiente organizacional, destaca-se a globalização, as mudanças tecnológicas, a diversidade cultural da mão de obra, a introdução de modelos de gestão cada vez mais sofisticados, a nova concepção do trabalho e as diferentes expectativas da sociedade.

As relações de trabalho ganharam novos significados e complexidades a partir da inserção feminina no espaço organizacional. No decorrer da história, observa-se que as mulheres conquistaram alguns direitos, mudaram seu modo de pensar e agir, deixaram de ser submissas ao homem para tentar ficar em condição de igualdade com ele.

A inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho desperta a discussão de questões que envolvem a interação entre homens e mulheres nesse ambiente. Apesar do





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

discurso de igualdade de condições e oportunidades, há evidências de que existem desigualdades na participação masculina e feminina no mercado de trabalho, seja em relação aos níveis salariais, possibilidade de crescimento na carreira ou oportunidades de exercer determinadas funções.

Os estudos que contemplam a discussão sobre o tema “Relações de Gênero” apresentam uma variedade de direções. O fato pode ser entendido pela análise da evolução dos conceitos de gênero conforme a influência da época. Capelle (2004) argumenta que as abordagens mais remotas sobre o gênero consideravam as características biológicas de cada sexo, atribuindo a esse fato as desigualdades entre eles.

Calás e Smircich (1999) apresentam o conceito de gênero com base nas teorias feministas que resumem diversas abordagens feministas aos estudos organizacionais, buscando descrever como cada escola trata do tema de modo diferente, propondo também diferentes alternativas de análise.

Importante observar, que apesar das abordagens recentes sobre os estudos contemplando a mulher nas organizações, o tema ainda é, predominantemente masculino. A teoria organizacional tem se caracterizado por uma “literatura escrita por homens, para os homens e sobre os homens” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 281). Nesse contexto a teoria das relações de gênero auxilia a compreensão dessas questões, bem como a discussão do processo de construção da identidade da mulher no mundo dos negócios.

Portanto, o objetivo deste ensaio é apresentar as contribuições das abordagens feministas para a inserção das mulheres no mercado de trabalho, numa perspectiva histórica, buscando resgatar de forma descritiva, as suas conquistas desde a criação até os dias atuais, além de levar à reflexão sobre as complexidades que abrangem o gênero feminino.

Metodologia

Para a elaboração deste ensaio foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, tomando por base material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos publicados em periódicos e anais de eventos, e também documentos disponibilizados em meio eletrônico, pertinentes à temática abordada. Na sequência, serão realizados alguns questionamentos em relação à posição da mulher frente aos homens no mercado de trabalho, seus espaços na sociedade desde os primórdios, suas conquistas e seus desafios frente ao novo paradigma da globalização. Para embasamento teórico, foram citados alguns estudiosos: (CALÁS; SMIRCICH, 1999; BEAUVOIR, 1970; CAPELLE, 2004; CALIL, 2000;). O que fica evidenciado nos estudos realizados, é que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho não correspondeu a uma diminuição das desigualdades profissionais entre homens e mulheres.

Resultados e Discussão

Apesar de sua diversidade, a maior parte das teorias feministas tem alguns pressupostos comuns; notadamente o reconhecimento da dominação masculina nos arranjos sociais e o desejo de mudanças nessa forma de dominação.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Outro ponto a ser observado nas teorias feministas é a diferença entre “sexo” e “gênero”. “Sexo” é biologicamente definido, relacionado às diferenças morfológicas entre homens e mulheres. Quanto ao “gênero”, é “sociologicamente construído, um produto da socialização e vivência” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 276).

As diversas abordagens do pensamento feminista se conectam com as teorias e as práticas organizacionais, enfocando aspectos específicos, ou questões centrais e ignorando outros.

Calás e Smircich (1999) classificam a teoria feminista em sete diferentes abordagens: liberal, radical, psicanalítica, marxista, socialista, pós-estruturalista/pós-moderna e multicultural (terceiro-mundista ou pós-colonialista). Cada abordagem oferece formas alternativas para o enfoque da desigualdade de gênero, enquadrando o problema de forma diferenciada, propondo diferentes caminhos de ação como solução.

Enfim, as teorias feministas possibilitaram compreender as diferentes formas de construção da identidade social e individual da mulher, mas também refletir sobre as relações de gênero; como se criam, se transformam ou se mantêm os padrões de gênero na sociedade.

Todavia, ao analisarmos a evolução das mulheres, numa perspectiva histórica, observamos que os valores masculinos se sobrepõem ao feminino, de geração em geração, as mulheres vêm sendo vítimas de preconceito através da história da humanidade.

No Cristianismo, o princípio bíblico da criação, já demonstra a fragilidade da mulher diante do homem, conforme podemos ler em Gênesis (Gên 2, 21-22): “(...) Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois da costela que tirou do homem, modelou uma mulher e a trouxe ao homem.”

Na simbologia da criação, percebe-se o surgimento do ser humano feminino e a criação do ser humano masculino, no intuito de identificar gêneros.

Já no Novo Testamento, Jesus Cristo tenta resgatar os valores da mulher, se opondo ao masculino, elevando-a a um nível diferenciado, tentando restituir sua dignidade.

Embora, a Igreja ainda exercesse forte pressão em adestrar a sexualidade feminina, dando autonomia ao homem, conforme descrito em Timóteo (1 Tim 9, 11-14):

“Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia (...). Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão.”

Contudo, o próprio processo de evangelização, após a morte de Jesus Cristo, fez com que a mulher tivesse reconhecido o seu valor de direito à igualdade com os homens: “Em Cristo não há mulher sem homem e nem homem sem mulher; como é verdade que a mulher procede ao homem, é também verdade que o homem procede da mulher e tudo vem de Deus” (I Cor 11, 12).

Na Idade Clássica, a vida das mulheres gregas e romanas tinha como centro de atuação o âmbito doméstico. A educação era privilégio de poucos, aos meninos de famílias abastadas





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

ensinavam o latim, o grego, cálculos, literatura e a retórica. As meninas aprendiam os deveres domésticos com suas mães e as famílias humildes raramente tinham acesso à alfabetização.

Na Idade Média, as ideias e conceitos eram elaborados pelos eclesiásticos. As mulheres eram consideradas pelo clero como seres suscetíveis às tentações demoníacas, por isso deveriam ficar sob a tutela do marido. Afinal, todas as mulheres descendiam de Eva, que concentrava em si todos os vícios tidos como femininos: a luxúria, a gula, a sensualidade e a sexualidade.

A partir do século XI com a instituição do casamento pela Igreja, a maternidade e o papel dado à esposa, passaram a ser exaltados. Criou-se uma forma de salvação feminina a partir de três modelos: Eva (a pecadora), Maria (o modelo de perfeição e santidade) e Maria Madalena (a pecadora arrependida). No casamento a mulher estaria restrita a um só parceiro, que tinha a função de dominá-la, de educá-la e de fazer com que tivesse uma vida pura e casta.

Beauvoir (1970), precursora da frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, assegurava que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade. O “outro” era para o homem um indivíduo do sexo masculino. A mulher sempre esteve destinada a ter dependência do homem, e jamais ser seu semelhante.

Apesar das diversas transformações provocadas com o surgimento e o desenvolvimento do capitalismo, as inúmeras culturas são predominantemente baseadas na supremacia masculina sobre o feminino. As grandes revoluções do Século XVIII não revolucionaram o poder entre os sexos e não suprimiram a dominação e a violência nas relações com as mulheres. No século XIX, eram explícitos os padrões e condutas que o poder definia como desejáveis no comportamento feminino – trabalho e submissão.

Durante muito tempo, a mulher viveu apenas para o lar. Com o passar dos anos, as condições sociais do mundo foram transformadas, e a mulher foi aos poucos tomando seu lugar na sociedade. Passaram, então, a travar as lutas necessárias pelo reconhecimento da igualdade, ganhando o espaço público e rompendo definitivamente a barreira do silêncio.

A partir da Primeira Guerra, evidenciou-se a tendência à presença da mulher nos setores primário, secundário e terciário da economia, ocupando não só o espaço rural, mas também o da indústria e o de serviços. Ao longo do século XX, as novas tecnologias de comunicação e mecanização das tarefas fizeram acontecer uma revolução administrativa, da qual a mulher participou, e a partir daí pode ampliar seu espaço nesse ramo da economia, passando a fazer parte da força de trabalho, em nível de participação no mercado equiparável ao dos homens. (QUELHAS, 2011).

Nos últimos 150 anos, o movimento feminista tem sido responsável por diversas conquistas na vida da mulher, no entanto ainda há buscas por melhores condições e respostas eficazes. Hoje, o modo como cada mulher se coloca frente à sociedade se distancia cada vez mais do papel feminino exercido no século XIX, graças a sua influência ela vive nos dias atuais frente ao seu tempo, expondo-se às críticas e lutando para conquistar o espaço quase sempre acirrado.

A mulher do século XXI vem ganhando cada vez mais espaço, no trabalho, na política, na sociedade e na economia com o compromisso, de manter o equilíbrio sem perder a sua



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

feminilidade, perante uma nova forma de viver, pensar e agir. As mulheres se destacam em algumas habilidades, o que vem possibilitando sua inserção no mercado de trabalho, em especial, pela capacidade empreendedora e de encarar com seriedade os desafios que se apresentam a cada dia.

Os atributos denominados “femininos” começam a ser valorizados. As pessoas qualificadas como inovadoras e intuitivas estarão mais aptas para conquistarem os cargos de chefias e liderança. Calil (2000, p. 70), destaca que:

“A partir de agora, o paradigma do empregado que as empresas buscam é pessoa criativa e flexível às mudanças rápidas que varrem o mundo todo, em detrimento da figura do profissional cartesiano (...) hoje em dia, os departamentos de recursos humanos estão buscando uma qualidade que por muito tempo foi ridicularizada por ser considerada feminina demais: a *intuição*. Algo que as máquinas ainda são incapazes de produzir.”

Para Capelle (2004), as grandes transformações percebidas na sociedade refletem-se no campo organizacional, apontando para um cenário de intensa competição e discriminação, principalmente para o universo feminino, que absorve as responsabilidades profissionais, conciliando as responsabilidades também com a família. A conciliação entre vida profissional e vida familiar, principalmente em relação à dupla jornada e à maternidade, é fator de conflito vivenciado pelas mulheres, deixando clara a diferenciação da condição da mulher em relação ao homem no mercado de trabalho.

Nessa perspectiva, as diferenças entre gênero feminino e o masculino são hierarquizadas de maneira diferente, e o trabalho da mulher acaba sendo colocado numa posição inferior ao trabalho masculino. Embora tenha se verificado mudanças importantes, a discriminação da mulher permanece, pois os trabalhos considerados mais formais e estáveis, principalmente vinculados a cargos de chefia, são normalmente ocupados por homens, enquanto os trabalhos com menores atribuições de responsabilidades ou aqueles na função de atendimento são relegados às mulheres.

Além disso, a forma de desenvolvimento capitalista produziu historicamente uma vida cotidiana onde o tempo que conta e que tem valor é aquele empregado na produção, aquele que gera mais valia. O trabalho doméstico, base material de sustentação das necessidades cotidianas, é no sistema capitalista, inteiramente destituído de valor social. Um trabalho considerado sem valor leva a uma situação onde o tempo empregado na sua realização não é medido nem visibilizado.

Mesmo em presença dessa circunstância de inferioridade, a partir da inclusão feminina no espaço organizacional, as relações de trabalho ganharam novos significados, pois homens e mulheres passaram a concorrer por oportunidades de cargos, posições hierárquicas, destaque e reconhecimento profissional.

Conclusões





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

A história demonstra que as primeiras conquistas, específicas das mulheres, se deram não só por meio da luta pela igualdade legal e contra as restrições dos seus direitos, mas também por meio da luta pela eliminação das barreiras que lhes impediam o desenvolvimento como pessoas.

Ao longo do tempo, a experiência demonstrou à sociedade e, em particular, às mulheres que, em qualquer situação e desde que tenham oportunidades, a capacidade de desempenho delas é igual a dos homens. A evolução das mulheres no mundo do trabalho fez com que suas características fossem se alterando, passando a ocuparem postos de trabalho tidos como masculinos. A elevação do seu nível educacional e a redução do tamanho da família - além das necessidades econômicas de contribuir para o orçamento familiar - fizeram da mulher um elemento fundamental no desenvolvimento das nações.

A mulher deixou de ser uma personagem passiva na sociedade familiar e social para ser um agente ativo, defensora de ações e argumentos em defesa de sua postura: planejar, organizar, dirigir, controlar e realizar.

Portanto, é fundamental a compreensão de que a presença da mulher no ambiente organizacional modifica e transforma padrões, conceitos e crenças. Mas esse é um processo dinâmico que ainda se encontra em construção, no qual os papéis de homem e mulher estão sendo redefinidos de acordo com uma visão que considera os seres humanos em sua globalidade e os liberta de padrões rígidos de comportamento.

Agradecimentos

Agradeço ao Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Desenvolvimento – UNIJUI e a CAPES pela bolsa de mestrado concedida.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BÍBLIA. **Edição de Promessas/ Revisada e Corrigida**. King's Cross Publicações. 2004.
- CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. **Do ponto de vista da mulher: abordagens em estudos organizacionais**. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. Handbook de Estudos Organizacionais. São Paulo: Atlas. p. 276 à 281, 1999.
- CALIL, Lea Eliza S. **História do direito do trabalho da mulher: aspectos históricos /sociológicos do início da República ao final deste século**. São Paulo: LTr, p. 70, 2000.
- CAPPELLE, M. C. A. *et al.* **Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional**. RAE – Revista de Administração de Empresas. (Eletrônica) v.3. n. 2. Art. 22. Jul./dez. 2004.
- QUELHAS, Filipe de C. **Mulheres executivas no mercado de trabalho**. Disponível em <http://www.excelenciaemgestao.org/Portals2> . Acessado em maio de 2011.

